

Putin ordena início da ação militar na Ucrânia

Putin ataca a Ucrânia e envia tropas ao leste

Presidente russo exige que vizinho deponha armas para 'proteger população do Donbass'; explosões foram ouvidas

Igor Gielow

Moscou A Rússia decidiu atacar a Ucrânia. Em comunicado pouco antes das 21h (22h no Brasil), o presidente Vladimir Putin disse que anunciou uma operação militar para "proteger a população do Donbass", a região do leste do vizinho na qual ele reconheceu áreas rebeldes pró-Rússia na segunda (21).

Até aqui, não há sinal de uma invasão total, já que Putin parece estar cumprindo o que havia prometido: enviar tropas para as áreas rebeldes. Mas equipes de TV da rede CNN ouviram explosões à distância na capital ucraniana, Kiev, em principal cidade próxima do Donbass, Kharkiv.

Tudo indica que os russos estão bombardeando posições na área do leste que está dentro das antigas fronteiras de Donetsk e Lugansk, as

provincias que têm hoje menos da metade de seu território dominado pelos aliados de Putin.

Se isso se confirmar, o que seria uma invasão de fato de uma área ocupada há oito anos se torna uma guerra contra forças ucranianas.

Segundo o comunicado, Putin disse que não poderia tole-



“Se uma operação está sendo preparada, eu realmente digo do fundo do coração: impeça suas tropas de atacar a Ucrânia”

Antonio Guterres
Secretário-geral da ONU

rar mais ameaças do vizinho e que as circunstâncias demandavam uma ação decisiva da Rússia no leste ucraniano, conhecido como Donbass.

O presidente russo defendeu para "proteger as pessoas".

De acordo com ele, a intenção não é ocupar o território ucraniano. Ele exortou soldados do país vizinho a baixarem as armas e irem para casa e disse que a Rússia vai reagir em caso de interferência externa.

A responsabilidade por um eventual derramamento de sangue, de acordo com ele, "estará na consciência do regime de Kiev".

O anúncio foi feito exatamente ao mesmo tempo que uma reunião emergencial do Conselho de Segurança da ONU debatia a crise. Na abertura da reunião, o secretário-geral da ONU, Antonio Guter-

res, fez um pedido claro ao líder russo. "Se uma operação está sendo preparada, eu realmente digo do fundo do coração: impeça suas tropas de atacar a Ucrânia. Dê uma chance à paz. Muitas pessoas já morreram".

Mais cedo nesta quarta, Putin dissera que estava disposto a negociar uma solução diplomática para a crise com o Ocidente, desde que respeitados os "interesses e a segurança" de seu país. Para ele, "inegociáveis".

Do outro lado da fronteira, o Parlamento da Ucrânia aprovou nesta quarta-feira (23) uma declaração de estado de emergência válida para todo o país, exceto para as duas regiões no leste, onde já há uma medida do tipo em vigor desde 2014.

Nessa situação, o governo pode impor restrições de deslocamento, na distribuição de

Brasil não vai reconhecer rebeldes, diz Mourão

O vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB) rejeitou nesta quarta (23) a possibilidade de o Brasil seguir o gesto da Rússia e reconhecer as autoproclamadas repúblicas separatistas do leste da Ucrânia. "Acho difícil isso aí, não é da nossa visão de relações internacionais. A gente sempre advoga a soberania dos países, e essa questão de separatismo é algo complicado", disse. "Sempre achamos que, para uma separação dessa natureza, teria que haver um plebiscito, de modo que fosse manifestada por uma maioria étnica a vontade de se separar".

informações e no que é divulgado na mídia, além de introduzir conferência de documentos de cidadãos. O presidente Volodimir Zelenski propôs a introdução do estado de emergência mais cedo, diante de uma possível ofensiva militar russa de larga escala. À noite, em pronunciamento de 10 minutos divulgado pelo aplicativo Telegram, disse que a "Rússia aprovou uma ofensiva contra a Ucrânia" e acusou o presidente Vladimir Putin de não responder a seus pedidos por reuniões. "A resposta foi o silêncio", declarou, em tom emocionado, falando em russo.

Segundo Zelenski, seu país está cercado por até 200 mil soldados de Moscou, e o que ele busca não é o conflito. "O povo ucraniano quer paz. O governo da Ucrânia quer paz e está fazendo tudo o que pode para alcançá-la", afirmou.



O presidente russo Vladimir Putin durante cerimônia na Tumba do Soldado Desconhecido, em Moscou, nas celebrações do Dia do Defensor da Pátria. Alexey Nikolsky/Reuters

Cheque em branco para Moscou?

Ofensiva para esmagar Kiev hoje teria um custo real com consequências imprevisíveis

Lúcia Guimarães

É jornalista e vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal CNT, além de colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

A culpa é do Ocidente, especialmente dos Estados Unidos. A maioria do público na Rússia parece unida em apontar o dedo para os culpados pela crise que representa a maior ameaça militar na Europa desde o fim da Segunda Guerra. Mas Vladimir Putin, apesar da alta popularidade que mantém, não tem motivo para esperar o cheque em branco que recebeu quando anexou a Crimeia em 2014, sem disparar um tiro, e desestabilizou a região do Donbass com

ajuda dos "pequenos homens verdes", soldados da reserva ou ativa sem uniforme oficial das Forças Armadas russas.

É fato que Putin reprimiu e devestou a mídia independente desde a incursão anterior no leste da Ucrânia. Tentou assassinar e depois prendeu seu mais visível adversário, Alexei Navalni. Empresas de mídia, jornalistas e seus advogados vivem hoje sufocados por ameaças de prisão sob leis que os designam "agentes estrangeiros", um rótulo com tons stalinistas

que espanta anunciantes e financiadores de jornalismo não censurado pelo Kremlin.

Ao mesmo tempo, nos últimos oito anos, a dieta de informação na mídia russa ajudou a martelar a imagem do ucraniano "nazista", disposto a provocar "genocídio" na população étnica russa do leste.

Um solitário instituto independente de pesquisa de opinião, o Levada, consulta o público russo regularmente sobre o destino da região em disputa no Donbass. Um quarto reponde

que a área deveria ser anexada à Rússia; outro quarto acredita que a área deveria continuar território da Ucrânia; um pouco mais de um quarto acredita que deveriam ser repúblicas independentes; o último quarto não tem opinião.

"Não há uma opinião geral", diz o site independente Meduza o cientista político Denis Volkov, diretor do Levada.

Apesar do forte antiocidentalismo que cresceu depois das sanções impostas com a anexação da Crimeia, Volkov não

acredita que haverá o que ele chama de "consenso de Donbass"—apoio irrestrito como o que Putin recebeu em 2014.

As pesquisas do Levada não perguntam diretamente se as pessoas são a favor de uma guerra com a Ucrânia. Não há sinal de que mesmo os defensores da auto-criação de Putin apoiariam um ataque a Kiev. Em 2014, os mortos voltaram para casa sem honrarias oficiais.

A escala de ofensiva militar necessária para esmagar uma Ucrânia mais bem treinada e mais armada pelo Ocidente provocaria não só a procriação de corpos, mas outro custo real, com consequências imprevisíveis.

A mesma inquietação com a economia e a corrupção que reforçou a mensagem de Navalni e foi refletida nas eleições parlamentares em setembro

passado teria que ser enfrentada com investimentos domésticos em infraestrutura para ajudar a blindar Putin nas urnas.

Não é possível entrar numa guerra total com a Ucrânia sem apertar o cinto na economia e arriscar descontentamento. Putin, o assassino serial de dissidentes, cuja sobrevivência—política e física—depende diretamente de seu esquema de proteção, manobrou para ficar no poder até 2036.

Ao contrário de um certo chefe de Estado que foi lambertar suas botas na semana passada, Vladimir Putin não teme caminhoneiros ou policiais. A ganância que ele mais teme não é a de trabalhadores em greve. É a impaciência de seus guarda-costas, cleptocratas pragmáticos, não ideológicos, que estacionam seus iates de centenas de milhões de dólares em marinas europeias.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 10